



RESENHA/RECENSÃO – BOOK REVIEWS

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *O Princípio Pluralista*. São Paulo: Edições Loyolla, 2020. 480 p. ISBN: 9786555040302.

*José Pascoal Mantovani**

O livro *O Princípio Pluralista* busca articular a práxis pastoral e o pensamento teológico do Prof. Dr. Claudio de Oliveira Ribeiro. Destaca a idiosincrasia entre teoria e prática e o quanto esse encadeamento contribui para uma hermenêutica: (i) sensível às contingências contemporâneas; (ii) atenta às peculiaridades do lugar vivencial, (iii) não obsoleta quanta às problematizações emergentes; (iv) essencialmente dialógica. Em suma, a tese desta obra fundamenta-se na problematização da diversidade religiosa no Brasil e no mundo, bem como a “maior intensidade no debate sobre religião e democracia, especialmente os temas ligados à laicidade do Estado, mas também a ambiguidade de termos, ao mesmo tempo, situações conflitivas e busca de diálogo entre grupos religiosos distintos em diferentes áreas da vida social” (p. 13).

Nota-se três aspectos basilares que estão presentes em toda a obra. O primeiro se refere ao “alargamento metodológico e de atualização nas formas de compreensão da realidade, pressuposto sempre presente nas teologias de caráter social e político” (p. 15); o segundo está atrelado às questões relacionadas à emergência das subjetividades (as quais estão conectadas com a espiritualidade); e o terceiro se refere aos encontros e desencontros da teologia com a pluralidade, de modo que, para o autor, “a teologia latino-americana priorizou o dado político para suas interpretações

* Graduado em Teologia e Filosofia; Mestre em Ciências da Religião e Doutor em Educação. email: prof.pascoalmantovani@gmail.com.



e nem sempre esteve atenta às diferenças culturais, que, no caso de nosso continente, são fortemente híbridas e entrelaçadas com a diversidade das expressões religiosas (p. 16). Nessa direção, algumas perguntas são fundamentais para a leitura e compreensão deste texto pois apresentam os problemas que o autor perscrutou. São elas:

Quais são as principais características dessa pluralidade? Como tal realidade, especialmente com a suas contradições, incide no quadro social e político e vice-versa? Como elas interferem no fortalecimento de uma cultura democrática, no empoderamento de grupos subalternos e de práticas afins? Como podem conviver no mesmo tempo e espaço social práticas religiosas fechadas ao diálogo e outras que defendem a pluralidade e a aproximação entre grupos religiosos? Quais são as possibilidades para fortalecimento e valorização do pluralismo? (p. 18)

Para responder a essas questões, a obra é dividida em quatro partes que, ao mesmo tempo que compõem autonomia conceitual constituem significativo mosaico temático. A primeira parte trata das bases teóricas e conceituais plurais, em que se articula relatos autobiográficos da trajetória teológica/pastoral (escrito em primeira pessoa) com análises de autores e autoras que marcaram a Teologia Latino-Americana da Libertação (compostos em terceira pessoa), bem como críticas a este movimento teológico. É nesta seção em que Claudio Ribeiro delinea conceitos que balizaram sua proposição sobre o *princípio pluralista*, entre eles: a noção de identidades forjadas nas fronteiras; as lógicas de negação e da negociação; pluralismo religioso e teológica utópica; e a polidoxia que está atrelada aos conceitos de multiplicidade, irrestringibilidade e relacionalidade das concepções religiosas.

A segunda parte do livro tem como título “Pluralidade Metodológica” e traz em perspectiva a ideia de que o *princípio pluralista* “possibilita melhor compreensão da diversidade do quadro religioso e também das ações humanas” (p. 19), ou seja, não é questão de afirmação ou negação, mas de diálogo e constituição de saberes. Essa parte é dividida em três seções: (i) a difícil arte da revisão; (ii) a emergência das subjetividades e a busca de formas autênticas, plurais e libertadoras de espiritualidade; (iii) a teologia latino-americana diante do pluralismo religioso. Em síntese, a proposta é apresentar a complexidade que marca os axiomas da

contemporaneidade. Como ênfase, pode-se destacar o impacto da lógica do mercado, do neoliberalismo e das novas roupagens do capitalismo como vetores do processo de subjetivação. É destacado, também, o papel da transdisciplinaridade, da racionalidade e da produção simbólica na atualidade, bem como a importância das análises de gênero e a composição estética combinada à teologia.

Claudio Ribeiro indica que o desafio do *princípio pluralista* não é ser apenas aparelho descritivo ou nominativo da realidade, sobretudo seu intento é expor as inúmeras formas de vivência, constituição e apropriação das subjetividades que potencializam a fomentação de uma espiritualidade autêntica, plural e libertadora. Para tanto, é fundamental ponderar e dar voz a contribuição da teologia feminista e as culturas afro-indígenas, movimentos estes que foram estereotipados, silenciados e lançados às margens pela estrutura patriarcal, pelo historicismo eurocêntrico e, também, pelo colonialismo dominante. A pluralidade metodológica que acompanha o *princípio pluralista* é, segundo o autor, transgressivo no que se refere às molduras dominantes e criativo no tange à produção de sentidos e significados.

A terceira parte do livro é denominada “Pluralidade Religiosa”; nela, o autor estende sua proposição a partir da distinção conceitual entre pluralismo (que tem enfoque descritivo), pluralidade (que tem caráter valorativo) e diferença (a qual se finca na autonomia). A partir dessa distinção, essa parte é organizada em quatro seções, a saber: (i) o pluralismo religioso e o mundo em mudança; (ii) experiência religiosa na sociedade globalizada; (iii) a questão cristológica e o pluralismo religioso; (iv) as religiões e os desafios da justiça, paz e da sustentabilidade da vida. O destaque está no entrelaçamento dos temas: espaço fronteiriço da constituição de identidades (o entrelugares) e a afirmação dos Direitos Humanos.

No que se refere a limiares, o autor afirma que “a posição de fronteira permite maior visibilidade das estruturas de poder e de saber, o que pode ajudar na apreensão das subjetividades de povos subalternos (p. 20). Em suma, estar em espaço fronteiriço é tirar identidades da invisibilidade e sensibilizar o sujeito às diversidades culturais e sociais. Para Ribeiro, o entrelugares potencializa perspectivas policromáticas. Já no que tange aos Direitos Humanos, na perspectiva do *princípio pluralista*, é necessária a consolidação de uma espiritualidade que não seja reducionista, mas que esteja

atenta aos processos sociopolíticos decoloniais de aprofundamento democrático, crítica às formas de dominação e dinâmica quanto à lógica econômica imperialista. É importante destacar que, para o autor, a ideia de império “se funda pela identificação de um conglomerado de forças econômicas, políticas e simbólico-culturais provenientes do funcionamento do capitalismo financeiro tardio, que convergem, sem a consideração de fronteiras ou de limites, para um domínio total da sociedade exercido globalmente por elites [...]” (p. 29). Portanto, a lógica imperial está associada à manutenção e ao prolongamento de forças dominantes que são simultaneamente totalizantes e imperativas.

A quarta e última parte, intitulada “Pluralidade Antropológica”, tem como mote o pressuposto da necessidade de forjar uma nova linguagem teológica, a qual faz da corporeidade o ponto de partida para o processo perceptivo, avaliativo e ativo. A intencionalidade é analisar o sujeito de modo holístico. Esta parte é organizada em três seções: (i) fé cristã e alteridade cristã; (ii) espiritualidade integral e ecológica; (iii) princípio pluralista, corporeidade e o lúdico. A interpretação destas seções está interligada à ideia de que o conceito de relatividade não está associado ao pressuposto de esvaziamento de sentido ou desidratação da responsabilidade do testemunho da fé, em vez disso, a noção relativista está ligada a gratuidade e compromisso social.

Para o autor, só se pensa no *princípio pluralista* em conexão com os conceitos de alteridade, ecumenismo e polidoxia, ou seja, essa equação possibilita a ideia de que não há espírito dualista ou maniqueísta que estabelece o certo ou errado, verdade ou heresia, ortodoxia ou heterodoxia etc. No *princípio pluralista*, segundo o autor, o que há é “o respeito à diferença e o diálogo e cooperação prática e ética em torno da busca da justiça em relação a grupos empobrecidos e subjugados pelas mais diferentes formas de dominação e pela busca do bem comum” (p. 27). Portanto, o *princípio pluralista* possui uma antropologia aberta, em que fica perceptível a construção identitária sem desprezar dimensão comunitária que vivencia a espiritualidade.

A obra supracitada tem como diferencial o aprofundamento do conceito do pluralismo religioso que, não poucas vezes, é limitado por esquemas oriundos do relativismo, exclusivismo ou inclusivismo. Nesta obra, Ribeiro destaca o quanto a dimensão

dialógica da fé é instrumental valioso para a desconstrução de preconceitos e construção de conceitos, ou seja, o *princípio pluralista*, por seguir viés transgressivo de molduras dominantes, dilata os horizontes utópicos, de modo que as diferenças são postas como identidades completas e autônomas, sem precisar de caricaturas normativas e exemplares para a construção e afirmação de si.

O livro *O Princípio Pluralista* deixa claro tanto a tese como as hipóteses do autor. É um texto claro e compreensível, mesmo com a exigência de conhecimentos prévios sobre alguns conceitos básicos tanto do diálogo inter-religioso como da Teologia Latino-Americana da Libertação. É um compêndio extensivo e valioso para pesquisadoras e pesquisadores da área da Teologia e das Ciências da Religião, bem como das Ciências Humanas, que buscam compreender a pluralidade como: condutora para a construção identitária; chave hermenêutica para leitura do processo de subjetivação; ferramenta que auxilie no processo de ver, julgar e agir diante das atuais contingências.

A obra do Prof. Dr. Claudio de Oliveira Ribeiro sobre o *princípio pluralista* está ligada a outros livros do referido autor como, por exemplo, “Pluralismo e Libertação” e “Interpretação Teológica do Pluralismo Religioso”, os quais transitam no mesmo campo semântico. Deste modo, percebe-se que este livro carrega, como tema, objeto de pesquisa há muito perseguido, bem como se revela como síntese de pesquisas que vivenciaram processo contínuo de revisão e reformulação teórica e prática.

Por fim, as perguntas suscitadas no início da obra são devidamente respondidas, ao passo que o autor evidencia as principais características do que ele concebe por pluralidade; apresenta e problematiza o quadro social e político de modo coerente e com fundamentação bibliográfica significativa; destaca o papel da pluralidade como mecanismo para a manutenção e fortalecimento da cultura democrática e a valorização de grupos historicamente marginalizados e segregados; enfatiza o quanto a dimensão dialógica é potente para criar cultura de paz e que afirme os direitos humanos; e que a noção da diferença pode ser valiosa para o enrijecimento e reconhecimento da pluralidade como princípio de cultura de paz e espiritualidade inclusiva.